

**N**A SALA de emergência, o doutor Ronald Jacobson permanecia junto ao leito de Lauren Taylor, preocupado. Horas de pequenas descargas elétricas no lado direito do cérebro da menina de quatro anos faziam com que o lado esquerdo tremesse convulsivamente. À sua cabeceira, naquele sábado de maio de 1995, achava-se a mãe, Doreen. Era véspera do Dia das Mães, e estavam no Centro Médico de Westchester, em Valhalla, estado de Nova York.

“Nada posso fazer”, disse Jacobson, o neuropediatra. “Isto não é vida nem para ela, nem para vocês. É hora de operar.”

Doreen estremeceu. A primeira vez que ela e o marido, Joe, ouviram falar nesta cirurgia, encolheram-se de horror. O procedimento parecia irracional – incompatível com a vida. Chamada hemisferectomia, a operação removeria o lado direito do cérebro, que provocava as convulsões.

Doreen tinha uma amiga cuja filha de quatro anos fora submetida a uma hemisferectomia – e morreria. Mesmo que Lauren sobrevivesse, havia riscos de infecção, coágulos ou derrame. Podia mudar a personalidade ou causar paralisia temporária do lado esquerdo do corpo. Ou ainda ficar incapacitada.

Depois que Jacobson saiu do quarto, Doreen, 30 anos, ligou para Joe. Ti-

nham que tomar a decisão mais difícil de suas vidas.

QUATRO ANOS ANTES, o quarto fora decorado para o nascimento do primeiro filho dos Taylor. Lauren parecia um bebê normal, saudável, a não ser por certa marca vermelho-púrpura que se estendia da pálpebra direita pela testa até a parte de trás da cabeça.

Seus pais tinham uma  
decisão difícil para tomar

# O que está errado com Lauren?

JOHN PEKKANEN

“Chama-se mancha tipo vinho do Porto”, explicou o médico, assegurando aos pais que a marca era só anties-tética, mas que deviam consultar um neurologista para ter certeza.

Os Taylor levaram Lauren ao doutor Roy Geronemus, diretor do Centro de Cirurgia Dermatológica de Nova York, que garantiu poder remover a mancha. “O mais grave pode não ser a aparência”, avisou. “Devem se



preocupar com a possibilidade de problemas oftalmológicos e neurológicos.”

Doreen e Joe ficaram atônitos quando Geronemus explicou que Lauren podia ter a síndrome de Sturge-Weber, desordem congênita de causa desconhecida. Aproximadamente um em 200 bebês nasce com a mancha tipo vinho do Porto e, destes, cerca de um terço possui a síndrome.

A doença é caracterizada por vasos sangüíneos anormais, chamados angiomas, na superfície do cérebro. Estes vasos estão associados à mancha na pele. E o que é pior: podem prejudicar o fluxo do sangue que leva oxigênio e outros nutrientes ao cérebro. Isto deixava Lauren em risco de convulsões e retardo mental.

Nos dias seguintes, ela foi submetida a testes que não mostraram nada anormal. Desde então, uma vez por mês, os Taylor a levavam para tratamentos a laser, a fim de coagular os vasos sob a pele e diminuir o suprimento sangüíneo causador da mancha. Gradualmente, a mancha clareava.

Doreen e Joe ficaram encorajados. Talvez Lauren não tivesse a síndrome de Sturge-Weber. Uma noite, muito ansioso, Joe tomou a menina no colo. “Como pode haver algo errado com ela?”, perguntou. “Parece perfeita.”

EM 19 DE AGOSTO de 1991, Doreen pôs a filha de quatro meses para dormir. Por volta do meio-dia, ouviu-a chorar. Correndo para o quarto, viu que o lado esquerdo de Lauren estava flácido, e seus olhos pareciam sem vida. “Lauren”, sussurrou aflita, “é Mamãe!”

Lauren não deu sinal de reconhecimento. Seu braço e perna esquerdos começaram a ficar rígidos. “Ela está tendo uma convulsão!”, gritou para Joe. Correu com Lauren até o carro e foram para a emergência do hospital. Lá, os médicos controlaram o ataque.

Lauren ficou duas semanas hospitalizada. Os exames revelaram pequenas manchas brancas no cérebro. Estas áreas de calcificação resultavam da lesão causada pela doença de Sturge-Weber no lado direito do cérebro. Os médicos deram-lhe anticonvulsivantes e, nos 11 meses seguintes, Lauren não teve convulsões. Era uma criança alegre e carinhosa. Com 16 meses começou a andar; logo, estava falando.

Em novembro de 1992, sofreu uma segunda convulsão grave, que a fez parar de respirar. Só a intervenção dos médicos da emergência lhe salvou a vida. Novos exames revelaram mais calcificação.

No ano e meio seguinte Lauren teve convulsões com intervalos de poucos meses. Doreen disse à mãe: “Uma hora, eu e Joe quase perdemos as esperanças. Depois ela subitamente voltou a si, como se nunca tivesse havido nada.”

Em seu terceiro aniversário, Lauren, muito agitada, apontava para a cabeça. “Dodói! Dodói!”, gritava, batendo a cabeça no chão. Foi levada correndo para a emergência.

Desde então os ataques se tornaram mais freqüentes, às vezes com intervalos de dias. Lauren passava semanas na unidade de tratamento intensivo infantil. Gradualmente, esses ataques deixavam suas seqüelas.

“Ela regrediu demais”, disse Doreen a Joe. Observaram-na tentando manter o equilíbrio. “Tem dificuldade até para ficar em pé.”

NA PRIMAVERA de 1995, quando Lauren tinha uns quatro anos, seu desenvolvimento era o de uma criança de 18 meses de idade. Raramente falava e, quando o fazia, apenas balbuciava monossílabos. Com frequência apontava para a cabeça e dizia: “Dó...dó”. Não conseguia sequer pronunciar a palavra toda. “Ela nem consegue mais me chamar de ‘Mamãe’”, contou Doreen ao doutor Jacobson.

Menos de um mês depois do quarto aniversário, Lauren sofreu outro ataque prolongado, que a levou ao Centro Médico de Westchester no sábado, 13 de maio de 1995. Depois de discutir com Jacobson a possibilidade da cirurgia, Doreen tentava controlar as emoções ao ligar para Joe.

– Acho que é hora de ver se a cirurgia irá ajudar.

– Não quero perdê-la ou vê-la como um vegetal – disse Joe.

– Eu também não! – exclamou Doreen. – Mas ela está tendo convulsões o tempo todo. Isso a está destruindo.

Joe ficou em silêncio por alguns segundos.

– Está certo – concordou. – É a hora.

Dois dias depois, encontraram o doutor Arno Fried, chefe de neuropediatria do centro médico. Ele já tinha feito 14 hemisferectomias e nunca perdera um paciente sequer. Apenas três ou quatro cirurgias desse tipo são feitas por ano nos Estados Unidos.

## O QUE ESTÁ ERRADO COM LAUREN?

– O lado direito do cérebro é o mais artístico – disse Doreen. – Ela irá perder o gosto por música e arte? Ficarão como um robô?

– Não creio – respondeu Fried. – O lado direito do cérebro de Lauren está causando tantos problemas que, uma vez removido, vocês verão grande diferença para melhor.

Ele explicou como os bilhões de neurônios são capazes de se adaptar e mudar de maneira surpreendente, especialmente em crianças.

– Quais os riscos? – perguntou Joe.

– Há risco de as convulsões não serem controladas. O pior, entretanto, é o risco de coma ou morte. Remover metade do cérebro é a cirurgia mais complicada que se pode fazer – admitiu Fried.

Joe fez uma última pergunta:

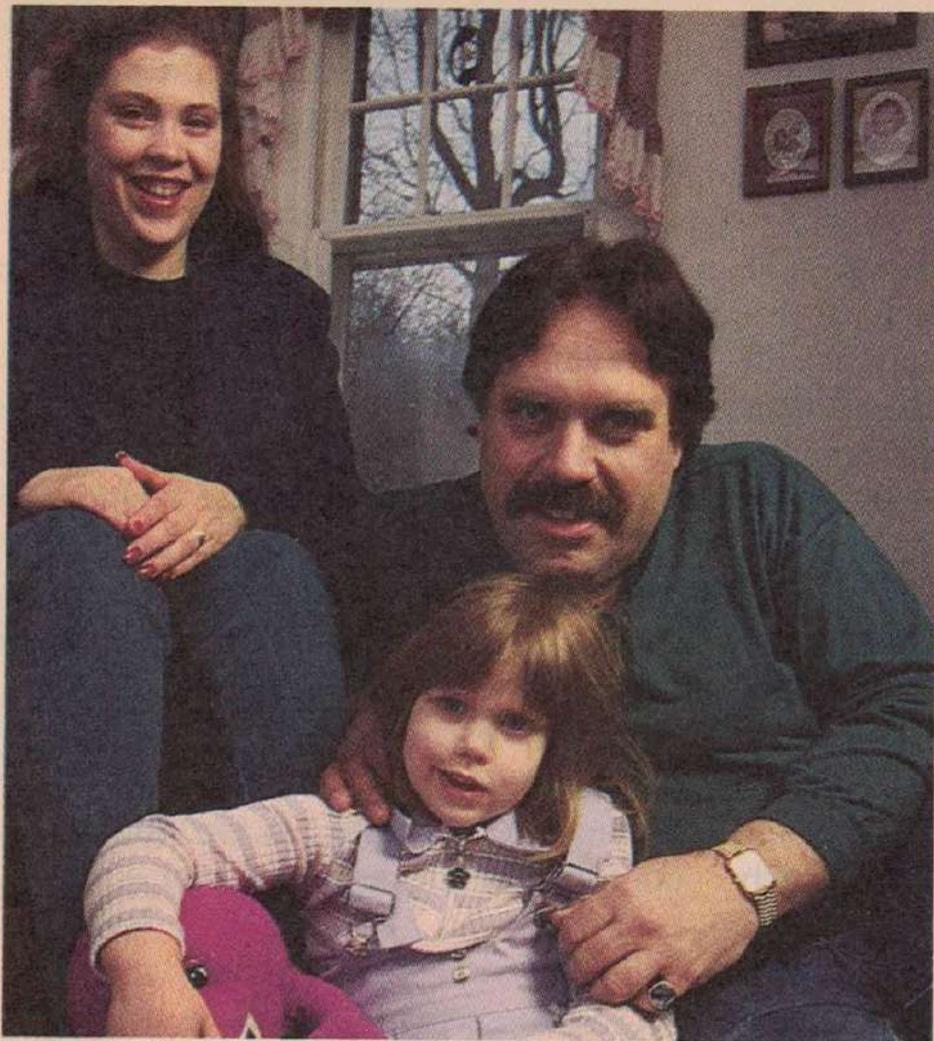
– Se fosse sua filha, faria a cirurgia?

– Sim.

ÀS 7H30MIN da manhã de 31 de maio, Doreen acompanhava Lauren pelo corredor para o centro cirúrgico. Levou-a até a porta, junto da maca e, ali, deu-lhe um beijo de despedida e soprou-lhe no ouvido: “Amo você”. No corredor, do lado de fora, encontrou Joe, com os olhos embaçados. Enquanto se dirigiam para a área de espera, disse a ele: “Vai dar certo”.

Na sala de cirurgia, a equipe começou a remover o couro cabeludo de Lauren. Momentos depois, com uma broca cirúrgica, o doutor Fried fez vários orifícios no crânio da menina. A seguir, abriu uma janela no lado superior direito.

Ele assustou-se ao ver a extensão do



Com o sucesso da cirurgia, Doreen, Joe e Lauren voltaram a ter vida normal em casa

dano tecidual. Em vez de matéria firme, branca e cinzenta, o lado direito do cérebro de Lauren parecia uma massa de gelatina de morango. Um emaranhado de vasos anormais atingia a superfície, alterados pela calcificação. “É pior do que aparecia nos exames”, comentou Fried.

Cada hemisfério cerebral é dividido em quatro lobos principais e Fried precisava remover o lado direito de Lauren, lobo por lobo. Começaria com o lobo temporal, localizado logo atrás do ouvido e ligado ao pensamento, memória e imaginação.

Através do microscópio cirúrgico, o campo de visão de Fried era aumentado

em mais de quinze vezes. “Vamos usar o cavitron”, instruiu. Vibrando milhares de vezes por segundo, o instrumento cortaria as fibras nervosas conectadas aos lobos.

Fried penetrou no lobo temporal de Lauren, ajudado por uma sonda especial eletronicamente ligada a um computador. Logo ele acessou o pedúnculo e a artéria carótida direita. Sabia que um movimento errado poria em risco a vida da menina.

Milímetro por milímetro, o cavitron pulverizou a matéria cerebral. Então, com o fórceps, Fried, com cuidado, removeu pedaços do lobo temporal. Enquanto isto,

ouvia com atenção qualquer alteração na frequência cardíaca, o que significaria lesão cerebral. Os batimentos cardíacos continuavam inalterados. *Vamos lá, Lauren*, pensou. No final, teria que fechar a artéria carótida. Se cortasse logo, Lauren poderia ter hemorragia e morrer. “Temos que ir devagar aqui”, recomendou.

Após quase uma hora de esmerado trabalho, Fried separou a artéria carótida do lobo temporal. Usando um coagulador, instrumento que envia uma centelha a dois eletrodos, com clips de titânio, Fried fechou a artéria cerebral. Depois, removeu o lobo parietal, onde estão concentra-

das muitas funções sensoriais e cognitivas. “Dois já foram, faltam dois.”

Fried completou a hemisferectomia removendo o lobo frontal e, depois, o occipital, na parte de trás do cérebro. Estudou com cuidado o trabalho, verificando várias vezes. Cortou e fechou milhares de vasos. Se um único minúsculo vaso ainda ficasse sangrando, o sangue vazaria e causaria lesão grave ou morte.

ÀS 3H35MIN DA TARDE – mais de oito horas depois de a mãe tê-la levado para o centro cirúrgico – o cérebro de Lauren estava fechado e ela era transportada para a recuperação. O cirurgião caminhou até a sala de espera e sorriu quando viu os Taylor. “Foi tudo bem”, informou.

Doreen fechou os olhos e pensou: *Graças a Deus!*

No dia seguinte, exames mostraram que não havia sangue na cavidade cerebral. Estava cheia de fluido espinal, como se esperava.

Mais tarde, naquele dia, Fried visitou Lauren na UTI infantil. Embora continuasse sedada, movia levemente

o braço e a perna esquerda. *Aleluia!*, pensou. *Já está mostrando transferência para o lado esquerdo. Vai recuperar todo o movimento.*

Vários dias depois, Doreen sentou ao lado da filha, segurando-lhe a mão. Lauren, bem mais alerta, olhou para cima e sussurrou uma palavra que Doreen temera nunca mais ouvir: “Mamãe.” Era tudo o que esperava. Com a cabeça entre as mãos, deixou as lágrimas virem.

---

*Nas semanas seguintes, Lauren voltou a ser a mesma garotinha alegre de antes das convulsões. Seu nível de inteligência elevou-se rapidamente, quando o lado esquerdo do cérebro absorveu as funções do direito. Três semanas após a cirurgia, Lauren falava mais que em toda a sua vida.*

*Agora, com quase seis anos, continua a progredir muito. Fala frases e anda sozinha. Seu lado esquerdo permanece fraco, mas os médicos acreditam que, com a terapia, recuperará a função dos membros esquerdos. Os pais pretendem matriculá-la no jardim-de-infância este ano.*



### Sobre a bola

Perguntaram certa vez ao célebre treinador de futebol Bud Wilkinson qual seria, na opinião dele, a contribuição do futebol ao preparo físico.

– Absolutamente nenhuma – respondeu de imediato Wilkinson.

Atônito, o entrevistador perguntou:

– Absolutamente nenhuma? O senhor poderia explicar melhor?

– Claro – disse Wilkinson. – Eu defino o futebol como 22 homens no campo precisando desesperadamente de descanso e 40 mil na arquibancada precisando desesperadamente de exercício.

Citado por Dale E. Turner em The Hope Health Letter